



Os invasores tentaram ouvir o governador Eurico Rezende

Despejo em Andorinha é feito sob espancamento

Os barracos dos invasores da Chácara do Reverendo foram completamente destruídos sábado à noite pela polícia que usou até gás lacrimogêneo e metralhadoras e, com cassetetes de madeira, espancou várias pessoas e colocou fogo no que restou. As famílias, que estão instaladas provisoriamente no Centro Social Urbanos do bairro Andorinhas, tentaram ontem, sem sucesso, uma audiência com o governador Eurico Rezende.

A comissão de moradores encarregada, de tentar a audiência conseguiu apenas ouvir, do subchefe do gabinete, Wagner Gomes de Souza, que todos que moram no mangue há mais de um ano têm direito sobre o terreno.

Em seguida, estiveram com os moradores os deputados Clério Falcão e Nelson Aguiar que informaram que o recurso do advogado da arquidiocese para suspender o mandado do juiz para expulsão das famílias já está no Tribunal de Justiça, apenas sem data para julgamento. Nelson Aguiar revelou também que já levou o problema ao conhecimento do governador que informou nada poder fazer porque o assunto é de competência da justiça.

ESPANCAMENTOS

Os policiais chegaram no local da invasão — um mangue — por volta das 19 horas pegando as famílias de surpresa. Uma criança de três meses ficou perdida até domingo de madrugada e um rapaz, conhecido apenas como Alfredo, depois de ser espancado violentamente pelos policiais, continuava desaparecido até ontem, segundo revelaram os moradores da Chácara do Reverendo durante concentração em frente ao Palácio Anchieta.

Os moradores se reuniram ontem pela manhã para tentar falar com o governador sobre a violência que sofreram e continuam sofrendo com a ordem de expulsão expedida pelo juiz da 3ª Vara de Vitória, a pedido do reverendo Jader Coelho, que alega ser a área de propriedade da Fundação Ateneu Cachoeirense, destinada a construção de uma universidade.

O prazo dado pelo juiz para que as famílias desmanchassem os barracos terminou na sexta-

feira às 9 horas e, ao contrário do que o oficial anunciou, a polícia só apareceu no sábado à noite, quando estava todo mundo despejado. Segundo os moradores, além de derrubar os barracos os policiais colocaram fogo em tudo e quebraram em pedacinhos as telhas eternit.

Clarice Constantino, com cinco filhos e o marido, foi tirada a força de seu barraco e ao tentar protestar levou uma coronhada de revólver na cabeça ficando ferida na testa. Levou também pancadas de cassetetes de madeira nas pernas. Néelson Vieira da Vitória mostrou vários ferimentos decorrentes de golpes de cassetetes nos braços, nos pés e nas costelas. Adão Bernardo da Silva denunciou que várias crianças foram jogadas no mangue pelos policiais que deram mais de vinte tiros e citou como exemplo sua filha de três meses que ficou desaparecida até a madrugada de domingo, quando foi encontrada por uma outra moradora desalojada.

Pedro Lima, doente e aposentado pelo INPS, foi levado ontem pela manhã à concentração em frente ao Palácio Anchieta. Apesar de doente ele também foi espancado. Os moradores revelaram ainda que a menor Maria Helena Vieira da Silva, de 16 anos, quase foi atingida por uma das balas disparadas pelos policiais e José Moraes, membro da Comissão de Moradores do Bairro Andorinha, disse que um tenente conhecido apenas como Robertinho disparou vários tiros em direção ao seu pé como forma de intimidação.

Um galão de plástico de cinco litros, utilizado para levar a gasolina para incendiar os barracos, vários pedaços de roupas queimadas, roupas que foram rasgadas e outros materiais destruídos pelo fogo foram levados pelos moradores como prova da ação violenta dos policiais. Muitos estão usando roupas emprestadas já que perderam tudo, inclusive alguns ficaram até sem documentos.

As famílias que perderam seus barracos estão instaladas provisoriamente no Centro Social Urbano de bairro Andorinhas, assistidas pela Comissão de Direito à Moradia da Arquidiocese de Vitória, que através de seu advogado está entrando com recurso no Tribunal de Justiça.